

PROFECIA DA CONFLAGRAÇÃO DO MUNDO E MOBILIDADE GUARANI.

Camila Mainardi, Paulo José Brando Santilli – Antropologia – Ciências Sociais – Departamento de Antropologia Política e Filosofia – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Este trabalho tematiza uma ampla discussão referente à cosmologia Guarani, já em pauta desde pelo menos o início do século XX, qual seja, a profecia que anuncia o eminente fim deste mundo. Procura-se pensar esta tônica não só como consequência das precárias condições de vida enfrentadas pelo grupo, mas expressa em uma mobilidade própria plasmada em sua cultura. Para tanto, recorremos a reflexões acerca da constante busca dos índios pela Terra sem Mal (NIMUENDAJU, 1987; SCHADEN, 1962 e CLASTRES, 1978), da concepção de territorialidade desse grupo, expressa na categoria *tekoha* (MELIÀ, 1990) e da dinâmica própria existente entre as aldeias Guarani (TERRAS ...2004).

A razão de escolhermos esses três pontos como meios de pensarmos a profecia e a mobilidade Guarani é a de que a concepção de Terra sem Mal – tal como entendem alguns autores – está diretamente relacionada ao prenúncio da conflagração do mundo, e a mobilidade particular existente é caracterizadora da dinâmica social que engloba as aldeias assim como da noção de territorialidade dos índios.

A realização do trabalho exigiu a pesquisa bibliográfica sobre a temática, para tanto recorremos ao acervo de livros, teses e periódicos da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Araraquara), além da pesquisa em *sites*, como no Sócio-Ambiental e o Centro de Trabalho Indigenista/CTI. Tentamos contrapor o discurso a respeito da conflagração do mundo e da mobilidade Guarani de vários autores: Nimuendaju (1987), Schaden (1962), Clastres (1978), Melià (1990), utilizamos ainda uma publicação do CTI, *Terras Guarani no Litoral* (2004).

Sabe-se que no século XVI, os povos Tupi-Guarani ocupavam uma vasta área geográfica. Os Tupi localizavam-se em uma parte da Bacia do Amazonas e em uma extensa faixa do litoral Atlântico; já os Guarani habitavam terras mais ao interior até os rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Hoje os grupos litorâneos, primeiros a ter contato com os europeus estão praticamente extintos e os Guarani que sobreviveram à expansão colonial habitam áreas estipuladas pelo governo, as Reservas Indígenas sob administração da FUNAI – Fundação Nacional do Índio, ou vivem em aldeias que podemos considerar livres pois não são tuteladas por nenhum órgão estatal; porém, mesmo estas ainda existem em péssimas condições. As aldeias Guarani (em áreas demarcadas e não-demarcadas) ocupam regiões do Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil – aqui se situam principalmente nos Estados do Sul e Sudeste e no sul do Mato Grosso do Sul.

Atualmente, os Guarani vivem uma situação bastante conflituosa. Além de um pessimismo já registrado de modo recorrente na literatura etnológica, as más condições de vida, a expropriação de seu território tradicional, o confinamento a áreas diminutas, o brutal preconceito que têm vivenciado, podem ser alguns dos fatores para desmotivar a vida neste mundo. De acordo com suas crenças este mundo está mesmo fadado ao fim: “essa visão apocalíptica está no âmago do pensamento dos Guarani de hoje, os mesmos cataclismas que já ocorreram – a conflagração e o dilúvio – estão prometidos à Terra; como a primeira terra, será destruída a ‘terra imperfeita’” (CLASTRES, 1978, p.28). Confinados às exíguas nesgas de terras, os Guarani não podem ter perspectivas positivas de futuro, nem meios para buscar alcançar a Terra sem Mal. Nimuendaju, no início do século XIX já alertava para este fato. Em contato com os Apapocúva-Guarani residentes da reserva de Araribá, ele constatava a existência de um “pessimismo incontrolável”; os índios acreditavam que a terra já estava velha e cansada, e, portanto, finalmente as trevas cairiam. Muitos autores – Nimuendaju, Schaden, Clastres – acreditavam que a crença guarani na conflagração e a busca da Terra sem Mal (*yvy marãey*) seriam os elementos orientadores das migrações guarani. Tendo isso em vista, acreditamos ser necessário compreender o universo desses indígenas, especialmente a incansável procura da Terra sem Mal ao longo dos séculos, caracterizada pelas constantes migrações.

De acordo com Hélène Clastres (1978) que busca conciliar observações mais recentes sobre os Guarani, como as de Nimuendaju e Schaden com os escritos deixados pelos cronistas e missionários que conviveram com os índios na época da colonização, a *yvy marãey* seria a terra em que tudo é produto da abundância, o plantio e a caça se dariam sozinhos, não seria necessário trabalhar, a

juventude seria perpétua, as pessoas imortais e as regras de parentesco não precisariam ser cumpridas. Quanto à localização, a maioria dos grupos acredita ser a leste, para além mar, mas há os que dizem situar-se a Terra sem Mal a oeste ou ainda no centro da Terra (SCHADEN, 1962).

A religião Guarani, não aponta a morte como necessária para a entrada no mundo sagrado: qualquer índio, desde que preparado pode ascender a *yvy marãey*; daí sua interminável busca. Entretanto, para alcançar este “paraíso” é preciso seguir regras específicas, submeter-se aos exercícios necessários ao espírito e ao corpo (*idem*).

Para alcançar a terra ideal almejada, mais do que saber seu local geográfico exato é necessário deixar o corpo “leve” só assim ele poderá flutuar até o destino desejado, e isto se dá principalmente através dos jejuns, das danças e das orações que são cantadas e reveladas através dos sonhos. Nimuendaju (1987) ressalta a importância das danças e dos ritos como elementos facilitadores à ascensão, aponta ainda a problemática do consumo de determinados alimentos como o sal e a cachaça e o uso de vestimentas ocidentais que tornariam o corpo mais pesado e impossibilitariam a passagem para o paraíso.

Egon Schaden (1962) também discorre acerca da Terra sem Mal, ele contrapõe os depoimentos a seu respeito dos representantes Guarani dos três grupos existentes no Brasil meridional – Nandéva, Mbüa e Kayová. Cada qual cita determinadas especificidades, mas em geral, a imaginam como o ambiente ideal, no qual se realizam desejos não realizáveis neste mundo. A certeza da existência desse lugar fantástico leva os índios a uma incansável busca.

Hélène Clastres (1978) objetiva entender o porquê dos deslocamentos Tupi-Guarani; não acredita que se tratem de migrações messiânicas ocorridas por influência da desorganização social causadas pelo contato com o homem branco, segundo ela, há indícios de que estes deslocamentos indígenas já aconteciam em períodos pré-colombianos. No entanto, a autora não desconsidera a colonização como um agente catalisador desses movimentos; talvez a chegada dos europeus tenha sido percebida pelos guaranis como um indicativo do sempre iminente fim do mundo.

Um complexo conjunto de fatores poderia explicar as grandes migrações. A explosão demográfica, crença na possibilidade de ascender a Terra sem Mal sem passar pela prova da morte e a constante ameaça do fim da terra, juntamente com a existência dos *carais* – os profetas, responsáveis por indicar o caminho a ser seguido – e da disputa política que deveria existir entre eles e os chefes das aldeias poderiam ser os fatores que associados levariam os índios a empreender a busca para Terra sem Mal. Assim, para Clastres, o profetismo Tupi-Guarani seria o inverso do messianismo, pois proviria de conflitos e crises internas e não de fatores externos ao grupo, como por exemplo, a conquista. Enfim, todo o pensamento e práticas religiosas dos indígenas girariam em torno da *yvy marãey*.

De acordo com John Monteiro (1992) a interpretação da religião como elemento unificador da cultura guarani, ocupa posição central nos trabalhos de Nimuendaju, Métraux, Cadogan, Schaden e Clastres. Estes autores apontam a cataclismologia expressa de maneira eloquente pelos profetas como responsável por orientar a visão de mundo e a vida cotidiana dos Guarani modernos, desta maneira acreditam que a profecia da conflagração do mundo é a propulsora das migrações indígenas.

Com o intuito de ilustrar melhor o apontado, podemos citar um artigo de Schaden (1963), no qual escreve que para os Guarani “as experiências religiosas representam (...) a única coisa realmente capaz de dar sentido à vida humana”. Mais à frente, aponta que em situações mais intensas de contato entre os índios e pessoas estranhas à sua cultura – no caso estava em jogo a possibilidade de loteamento da reserva Panambi (MS) – exacerba-se o sentimento pessimista em relação às coisas terrenas; a concepção de fim do mundo sempre presente torna-se “verdadeira obsessão”.

Bartolomeu Melià (1990) não desconsidera a importância da experiência religiosa para os Guarani, ao contrário, ele a afirma categoricamente: “Todos esses aspectos da terra, nos quais economia e sociedade se mostram indissoluvelmente relacionadas são, por sua vez, objeto de símbolos religiosos, reflexo de experiência religiosa”. No entanto, questiona a historicidade do conceito de *yvy marãey*. Apoiando-se nos trabalhos lingüísticos de Montoya, concebe a tradução do termo como “solo intacto, onde o homem ainda não mexeu”; assim entende a procura da *yvy marãey* como uma busca por terras novas para as aldeias e roças e que, portanto, teria significado diferente do atribuído atualmente. Há, então, que se considerar uma distância histórica entre as duas concepções.

Entretanto, Melià indica uma ligação entre a constante procura por terras novas e a migração com vistas a terra idealizada de inspiração profética; ele sugere que os movimentos tinham em comum

a busca por um espaço geográfico e espiritual no qual pudesse se realizar um modo de vida autenticamente Guarani.

A colonização teria provocado uma ruptura na historicidade do conceito de *yvy marãey*. Trazendo uma ameaça à sobrevivência Guarani, conferiu maior credibilidade à teoria de conflagração do mundo e ao discurso profético (MONTEIRO, 1992). Nessa altura, faz-se necessário refletirmos sobre os espaços nos quais pode se desenvolver o modo de ser Guarani, os chamados *tekoha*. São esses locais que os Guarani de hoje aspiram e pra onde se direcionam.

Os Guarani têm um modo particular de lidar e compreender o local em que vivem. A separação homem/natureza operada pelo pensamento ocidental e que, portanto, transforma a terra num meio de produção econômico não existe na mentalidade dos índios desse grupo. “A vida guarani nunca se liberta, nem se abstrai da questão da terra”, escreve Melià (1990). É uma relação íntima e específica expressa na preferência por determinados territórios para a formação da aldeia. São locais que apresentam características especiais, como por exemplo, fauna e flora típicos da Mata Atlântica (TERRAS ...2004).

Os Guarani, como foi observado, chamam esses lugares de *tekoha*. A compreensão desse termo é essencial para entendermos a relação dos índios com o ambiente que ocupam. A palavra *teko* significa “modo de ser”, desta maneira, *tekoha* quer dizer “lugar no qual pode se desenvolver plenamente o *teko*”, isto é, “o modo de ser guarani”. É um espaço sócio-político que significa e produz ao mesmo tempo relações econômicas, sociais, religiosas e políticas fundamentais para a existência Guarani. Um *tekoha* deve conter três espaços principais: a mata (*ka’aguy*) utilizada para a pesca e caça; o campo cultivado que de tempos em tempos muda de sítio e a área para a construção de habitações (MELIÀ, 1990).

O território Guarani é configurado por inúmeras aldeias distribuídas em vastas regiões, já explicitadas. Essas aldeias não existem isoladamente, mas ao contrario, interagem entre si através das constantes relações de reciprocidade que há entre elas. Desta maneira, os Guarani possuem um modo particular de entender seu território; é uma noção que supera os limites da aldeia e perpassa espaços geográficos contínuos. Garante uma dinâmica social, econômica, política e religiosa própria caracterizada pela permanente mobilidade. “Embora a proximidade geográfica favoreça o estreitamento das relações entre as aldeias, a sociedade Guarani possui regras, costumes e tradições das quais participa todo o seu conjunto.” (TERRAS ...2004).

Assim, determinadas áreas são importantes para a cosmologia Guarani tanto por propiciar a identificação dos índios com seu território (*tekoha*), conservando diretamente o *teko*; como por manter relações de reciprocidade entre as comunidades, também essenciais para a continuidade da cultura Guarani.

Segundo Inês Ladeira (TERRAS ...2004), de acordo com o pensamento indígena, habitar lugares “eleitos” denota uma maior proximidade com o ideal de terra a que aspiram os índios, isto é, a *yvy marãey* ou “Terra sem Mal”. Com isso é possível compreender um dos motivos pelos quais os índios buscam habitar esses locais especiais, os *tekoha*. Neles pode se desenvolver o “modo de ser Guarani”, o que facilitara o acesso a Terra sem Mal.

O que buscamos explicitar com este trabalho é a existência de uma relação entre as aldeias Guarani, percebida através de uma dinâmica própria, que envolveria todos os aspectos da vida Guarani; o social, o econômico, o político, o religioso e até o sistema de parentesco. Esta dinâmica ainda implicaria uma permanente mobilidade entre as famílias Guarani em busca de determinados territórios, os *tekoha*.

Referências Bibliográficas:

CENTRO de Tabalho Indigenista Disponível em: <<http://www.trabalhoindigenista.org.br/>>. Acesso em: 04 set. 2006.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1978.

INSTITUTO SocioAmbiental Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>>. Acesso em: 04 set. 2006.

MELIÀ, Bartolomeu. **A terra sem mal dos Guarani: Economia e Profecia**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1990, v.33, p.33-46.

MONTEIRO, John Manuel. Os Guarani e a História do Brasil Meridional – Séculos XVI-XVII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org) **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIMUENDAJU, Curt. **As lendas de criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos apáocuva-guarani**. São Paulo: EDUSP, 1987

SCADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

_____. **Desenhos de índios Kayová-Guarani**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1963, v.11, nº. 1e2.

TERRAS Guarani no Litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós. São Paulo: CTI – Centro de Trabalho Indigenista, 2004.